



Primeiro a cair, primeiro a subir

Setores de agronegócios e alimentos se recuperam mais rápido que os demais. Por questões políticas, situação na Argentina é ponto fora da curva Dubes Sônego

Foram necessários dez anos de conjecturas e a perda de R\$ 2,5 bilhões de reais em derivativos para inverter a ordem dos fatores e acelerar

o processo. Mas, finalmente, no dia 19 de maio, Perdigão (Nº 82 do Ranking das 500 Maiores Empresas da América Latina) e Sadia (Nº 89) fundiram-se dando origem à

maior empresa de alimentos da América Latina (e uma das dez maiores do mundo), a BrasilFoods, com faturamento anual líquido superior a US\$ 10 bilhões. O ranking de América-

Economia reflete as posições de mercado em período anterior à concretização do negócio. Mas, seria impossível ignorar a mudança no topo do ranking e os impactos do negócio, que depende agora da aprovação de órgãos reguladores de concorrência.

A fusão permitirá ganhos de competitividade principalmente em logística, no Brasil e lá fora. Mas há a preocupação de que a nova companhia possa impor preços em diversos segmentos de alimentos industrializados - carnes resfriadas, carnes congeladas, massas e pizzas semi prontas. "Em média, eles são donos de 70% desses mercados. Na medida em que se fundem, ficam ainda mais fortes", avalia Renato Prado, analista da Fator Corretora.

Por conta disso, ainda que a Brasil Foods negue a intenção de usar seu poderio econômico para ampliar margens, Prado afirma que faria sentido o Conselho Administrativo de Defesa da Concorrência (Cade) condicionar a fusão à venda de algumas marcas no Brasil. No segmento de lácteos, onde apenas a Perdigão atuava, e lá fora, porém, não deve haver restrições, diz o analista.

Mas não são só Sadia e Perdigão que têm motivos para comemorar. Desde o início do ano, os preços das principais commodities agrícolas exportadas pela América Latina vêm se recuperando bem. As cotações médias mensais do açúcar no mercado internacional, por exemplo, estão hoje acima do patamar máximo do ano passado, alcançado em agosto. Enquanto soja, milho e trigo acumulam, de janeiro a maio

deste ano, altas aproximadas de 28%, 13% e 10%, respectivamente. Desempenhos bem melhores que o do índice Dow Jones no período.

"É óbvio que ainda existem problemas sérios, como a quebra de safra no Rio Grande do Sul, que tem impacto importante na produção brasileira. O algodão não vai tão bem e a exportação de frutas (manga, maçã, uva e goiaba) foi bastante afetada pela crise. A Argentina também sofre muito", diz José Maria Ferreira da Silveira, professor do Instituto de Economia da Unicamp. "Mas, o preço das proteínas tende a subir", enfatiza. Algo que acontece, em parte, porque a China, menos afetada pela crise, ainda é a grande responsável pelo crescimento da demanda mundial. E, em parte também, pelo fato de se tratar de um setor de bens indispensáveis, tradicionalmente menos afetado em recessões. O risco, assim, seria apenas o de troca de produtos mais caros

AGROINDÚSTRIA E ALIMENTOS

Nº	EMPRESA	PAÍS	SETOR	VENDAS 2008 US\$ Milhões	LUCRO LÍQ. 2008 US\$ Milhões	VAR. VENDAS 08/07 (%)	VARIACÃO LUCRO 08/07 (%)	ROE (%)	ROA (%)	MARGEM LÍQ. (%)	RK 2008
1	JBS FRIBOI	BRA	Agroindústria	12.982,6	11,1	62,6	111,9	0,4	0,2	0,1	18
2	BUNGE ALIMENTOS	BRA	Agroindústria	9.521,1	0,9	8,4	104,7	0,1	0,0	0,0	37
3	CARGILL	BRA	Agroindústria	6.853,9	-164,0	-4,1	-106,3	-134,2	-6,6	-2,4	56
4	CARGILL	ARG	Agroindústria	5.970,2	N.D.	26,4	-	-	-	-	65
5	BUNGE	ARG	Agroindústria	4.190,0	N.D.	44,5	-	-	-	-	97
1	GRUPO BIMBO	MÉX	Alimentos	5.951,0	312,3	-11,5	-12,0	12,6	7,4	5,2	66
2	NESTLÉ	BRA	Alimentos	5.369,4	N.D.	-23,8	-	-	-	-	76
3	PERDIGÃO	BRA	Alimentos	4.875,1	23,3	30,2	-87,3	1,3	0,5	0,5	82
4	SADIA	BRA	Alimentos	4.590,8	-1.063,3	-5,7	-373,3	-604,8	-18,2	-23,2	89
5	GRUPO MASECA	MÉX	Alimentos	3.238,2	-888,6	-1,3	-534,3	-223,0	-27,7	-27,4	126
MÉDIA SETOR AGROINDÚSTRIA *						11,5	128,3	12,9	0,7	0,3	
MÉDIA SETOR ALIMENTOS *						4,3	-90,3	-42,8	1,3	0,1	

* Correspondência à média de todas as empresas do setor no Ranking das 500

10

bilhões de dólares ou mais é quanto fatura anualmente a nova gigante Brasil Foods

por outros mais baratos.

No setor de carne, os únicos que enfrentam mais dificuldade são os produtores de suínos, devido ao medo (até agora infundado) da "gripe suína". "Os preços da carne de frango estão se recuperando bem. Os da carne de boi já se recuperaram e parecem manter essa tendência", afirma o professor da Unicamp.

Além disso, segundo José Vicente Ferraz, diretor Técnico da Agra/FNP, consultoria em agronegócios, grandes concor-

EXCEÇÃO

Com o Chile forte na exportação de frutas e um Paraguai onde o agronegócio cresce, apesar de problemas como a insegurança jurídica, um dos poucos pontos fora da curva na região deverá ser mesmo a Argentina que, além de problemas políticos, enfrenta uma forte seca. "A preocupação do governo argentino tem sido manter os preços da carne e da soja os mais baixos possíveis, para ganhar o eleitorado", afirma o uruguaio

Rafael Tardaguila, diretor da Blasina & Tardaguila e editor da newsletter FaxCarne. "É um problema político gravíssimo", concorda Ferraz, da Agra/FNP. "Existe a previsão de que o país (tradicional exportador de carne) possa vir a se tornar um importador líquido de carne em dois ou três anos", afirma.

"A Argentina vai desaparecer", diz Patrícia Van Ploeg, consultora independente do

comércio exterior.

De forma semelhante, estão em queda livre no país a produção de outras commodities, como o trigo e o milho, usado também como ração animal.

DE

O México, tradicional importador líquido de alimentos, é outro caso à parte. Mas por motivos diferentes. Segundo José Antônio Castiglione, professor da Universidade Iberoamericana, a retomada das commodities deverá dificultar a situação do país, que compra de fora cerca de 70% do arroz, 60% do trigo, 30% do milho e 90% da soja que consome. "Em 2008, as commodities alcançaram preços recorde, as importações do setor chegaram a US\$ 6 bilhões e houve forte pressão inflacionária", diz. Este ano, diz, não deverá acontecer o mesmo, já que é difícil que os preços voltem aos patamares pré-crise. E a inflação está em queda. Mas, destaques positivos, como a panificadora Bimbo, com várias plantas fora do país, continuarão a ser exceção. •